

Passa a Visão

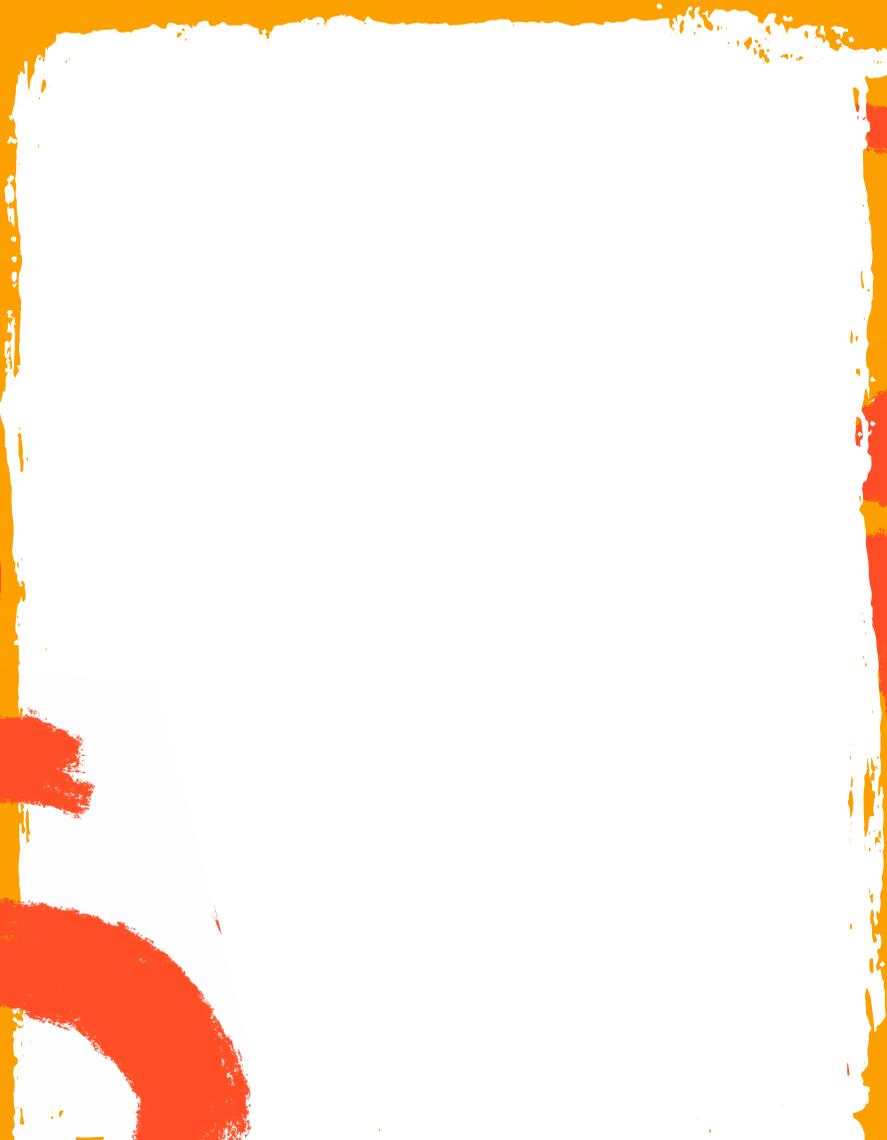
Cidade Tiradentes unida
no enfrentamento à
violência contra meninas





O que trago na minha mochila?

O que eu já sei sobre Violência contra
Meninas e Mulheres?



A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Aínás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradigo
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede

- Conceição Evaristo,
em Cadernos Negros, vol. 19.



Oi gente, aqui é a Brenda e resolvi escrever esse zine pra mostrar pra vocês o que tô aprendendo num projeto que participo, o Passa a Visão.

Lá, tô sacando várias paradas sobre violência contra meninas e mulheres e entendendo um monte de coisas sobre esse assunto.

Tipo, que nossas origens e como a gente é criado têm bastante influência sobre o que a gente entende que é amor, respeito e violência.

Esses dias mesmo, quando fui na Paulistinha pra visitar meu avô, ele tava ouvindo uma música que me deixou muito intrigada... era uma melodia tão romântica, mas a letra claramente falava de violência contra meninas. Eu, descarada que sou, falei isso pro vô e ele nunca tinha parado pra olhar a letra da música dessa forma. Babado, né!



Para início de conversa, o que é violência contra meninas e mulheres?



Brendinha, mas porque você acha que essa música é violenta? Quero ouvir você.



Vô, ela fala de uma relação de submissão de uma menina a um homem, e isso não é legal. Você mesmo sempre disse que aqui na sua casa não tem essa de "coisa de menino e coisa de menina", mas você percebe que a gente pode, mesmo sem querer, estar reproduzindo um conteúdo violento?

Pera aí... o que é gênero?

Gênero é uma construção social e não algo natural. Por muito tempo, a sociedade entendeu isso como algo binário, ou seja, levando em consideração os padrões, ações e atividades atribuídas para os homens e mulheres. Só que não é bem por aí não... existem pessoas que se identificam com o gênero feminino, outras com o gênero masculino, e outras que não se identificam com nenhum dos dois ou até mesmo com os dois. Por exemplo: os gêneros fluido, não binário, queer...

Na real tudo depende de como as pessoas se entendem, e a gente precisa respeitar a forma como elas se colocam no mundo, tá ligado?

Lembro que você me contou que sua mãe, minha bisavó, foi obrigada pelo pai dela a parar de estudar e se casar com 14 anos - e isso não aconteceu com nenhum dos dois irmãos que ela tinha. Por quê será, vô?

O que aconteceu com ela é o que chamamos de violência baseada em gênero, aquela que acontece justamente porque uma menina é uma menina ou uma mulher é uma mulher.

Nossa Brenda... Você tá me fazendo lembrar de muitas outras histórias. Coisas que pareciam naturais, mas que na verdade são violências contra meninas e mulheres.



Ih, vô, tem tanta coisa. Lá no Passa a Visão, a gente tem aprendido um lance bem legal que é **nomear as violências**. Isso tem sido fundamental pra gente percebê-las no nosso cotidiano. Olha só essa colagem que eu e a Mari fizemos na oficina de fanzine lá no projeto.

TIPOS DE VIOLÊNCIA

VIOLÊNCIA CONTRA MENINAS
NÃO É NATURAL!

Física

Psicológica

Sexual

Patrimonial

Feminicídio

Institucional

Moral

Virtual

Nós podemos e devemos
denunciar!



Você sabia?

Apesar de todas as meninas e mulheres estarem vulneráveis a sofrer violências, essa vulnerabilidade não é igual para todas! Quando elas são atravessadas por outros fatores gera esse risco pode ser ainda maior. Sabemos, por exemplo, que com meninas negras, indígenas, LGBTQIAP+, com deficiência, periféricas, rurais, em situação de rua ou com níveis mais baixos de educação, esse risco pode ser ainda maior! Isso é o que chamamos de **interseccionalidade**, quando a combinação de alguns fatores sobre a vida dessa pessoa gera desigualdades ou privilégios.

Alguns exemplos dessa tal interseccionalidade:

Sabemos que meninas e mulheres negras são as que mais sofrem assédio, violência doméstica e sexual no Brasil. Isso acontece porque elas sofrem a união do racismo com o machismo, o que resulta numa maior desigualdade e vulnerabilidade social.

Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública. FBSP. 2022.

Sabemos também que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo! Muito triste, né? Ah, e importante: a maior parte dessas vítimas são pessoas pretas ou pardas. E, olha que contraditório: ao mesmo tempo, somos o 3º país que mais consome playlist LGBTQIAP+ no mundo, de acordo com o Spotify.

Fonte: "Dossiê dos Assassinatos e da Violência Contra Pessoas Trans Brasileiras". ANTRA. 2020.

Brendinha, são muitos tipos de violência. Tem muitas aí que nem sei o que significam.

É vô, mas provavelmente você já reproduziu uma ou várias delas. Posso te falar de uma?

Você ainda não respeita as diferentes formas de ser menina e mulher!



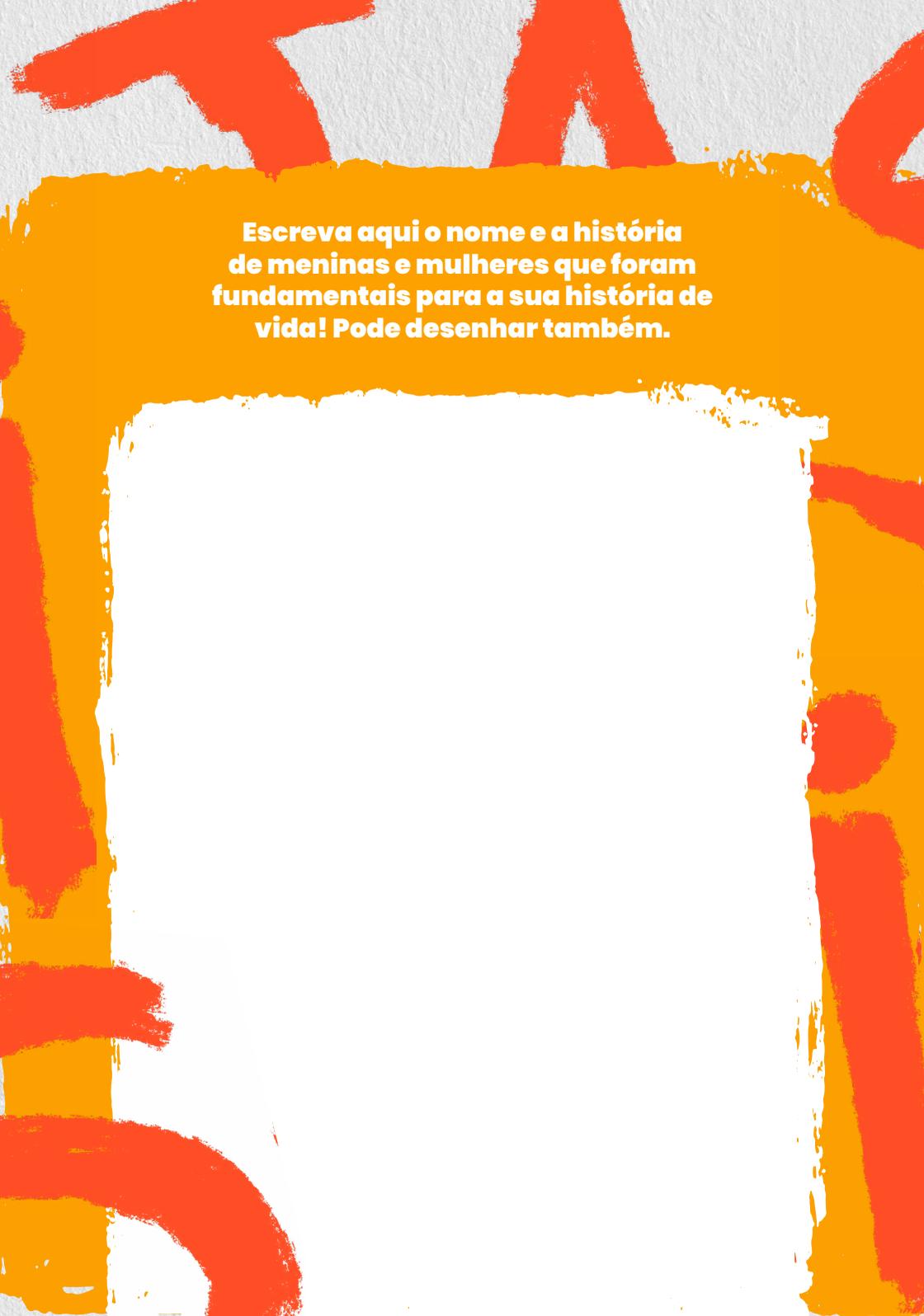
Como assim, Brenda?

Lembra um dia quando você foi almoçar lá em casa e a Lara, que estuda comigo, tava? Então, eu tive de pedir mais de três vezes pra você usar o pronome feminino com ela, e isso é bem chgo, né. E você lembra qual resposta me deu?

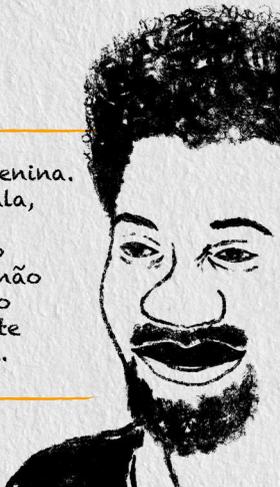
Que eu fui criado em outra época e que é difícil de entender.

E isso é um tipo de violência, né, vô. Respeitar as pessoas é o básico pra gente conviver em sociedade. As meninas e mulheres sempre foram diversas! Se você parar pra pensar na sua história, vai lembrar de diferentes mulheres, com diferentes histórias e que foram importantes pra você. A Lara é minha melhor amiga e é muito importante pra mim. Ela é uma menina travesti. Ela faz parte da comunidade LGBTQIAP+. Vô, você não precisa saber de tudo, mas precisa respeitar todas.





**Escreva aqui o nome e a história
de meninas e mulheres que foram
fundamentais para a sua história de
vida! Pode desenhar também.**



Brenda do céu, agora você me pegou de jeito, menina. É mais simples respeitar. É que é isso que você fala, né. A violência contra as meninas e mulheres é algo cultural e a gente deve estar atento pra não reproduzir e, ao mesmo tempo, ir aprendendo a não achar tudo isso normal. Minha filha, você é muito importante pra mim. Se você quiser, posso seguir te escutando. Tô interessado em aprender com você.



Então vou continuar falando, vô! Vou começar pela violência doméstica - que apesar de não ser a única, é a mais famosa. Hoje já tem lei pra isso, sabia? E sabe por que essa lei foi criada e tem esse nome? Porque a Maria da Penha foi vítima de violência pelo marido, que quase matou ela, vô! Foi aí que resolveram criar essa lei. Saca só:

Segundo a lei 11.340/06, em seu artigo 5º, a violência doméstica e familiar contra a mulher é "qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial" quando praticada no âmbito da unidade doméstica, da família ou em qualquer relação íntima de afeto.

Qualquer menina ou mulher que seja vítima de violência pode ser protegida pela lei. Essa violência pode vir tanto de outro menino/mulher, contanto que exista a convivência íntima ou doméstica. Pode ser alguém da família, como pai, mãe, irmãos, ou mesmo uma pessoa cuidadora. Pode ser o patrão ou a patroa que convivam no mesmo ambiente doméstico. Pode ainda ser uma pessoa que já foi sua companheira e agora não é mais, ou até colega de quarto.

Meninas de 0 a 19 anos representam, no Brasil, 16% da população¹.

Na infância e adolescência, elas experienciam, por serem meninas, múltiplas formas de violências - tanto dentro quanto fora de casa.

- 85,2%** das crianças e adolescentes (5 a 17 anos) em trabalho infantil doméstico são meninas, **70,8%** são meninas negras.²
- 15 anos** é a idade a partir da qual a incidência de violência doméstica começa a crescer.³
- Por dia, são 48 meninas de até 14 anos que se tornam mães no Brasil.⁴
- 20%** das estudantes entre 13 e 17 anos dizem já terem sido tocadas, manipuladas, beijadas ou terem tido partes do corpo expostas contra a sua vontade.⁵

¹Estimativas da populacionais em 2021, enviadas para o TCU pelo IBGE.

²Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (2022).

³Fundação José Luiz Egydio Setúbal; Fórum de Segurança Pública (2021).

⁴Ministério da Saúde (2021).

⁵Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) (2019).

Vô, lá no Passa a Visão eu descobri que, apesar dessas violências acontecerem principalmente dentro de casa, elas também rolam fora dela! Tipo, sabe aquelas notícias que a gente vê na TV sobre meninas e mulheres que são encoxadas no transporte público? Isso também tem nome, vô! É **importunação sexual** e tem outra lei específica pra isso, a Lei nº 13.718/18.

Ou, quando uma menina é chantageada por um professor a sair com ele para passar de ano, por exemplo... isso é **assédio sexual**!

Ou quando uma menina tem suas fotos íntimas - a gente chama de nudes, vô - vazadas na internet, isso também é **violência cibernética**.



Nossa, Brendinha... quantas coisas você aprendeu! E quantas coisas eu estou aprendendo com você!



Pois é, vô.. e não para por aí não! Outro dia te conto mais sobre essas outras violências de gênero:

VIOLÊNCIA POLITICA

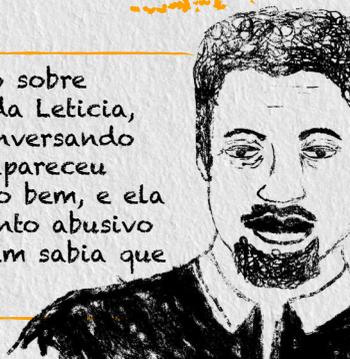
VIOLÊNCIA OBSTETRICA

StALKiNg



E vô, é muito triste, mas cada vez mais cedo as meninas estão sofrendo essas violências. Esses dias eu descobri, através do Passa a Visão, que, **no Brasil, mais de 60% das vítimas de estupro tem até 13 anos** de idade, e na maior parte dos casos o agressor é conhecido da vítima. Isso é muito sério... mexe com a nossa mente.

Brendinha, que horror! E sabe que você falando sobre "mexer com a mente" das meninas, eu lembrei da Leticia, a filha da minha vizinha... ela sempre ficou conversando com a molecada aqui na rua e, do nada, não apareceu mais. Fui perguntar pra mãe dela se estava tudo bem, e ela me disse que a Leticia estava num relacionamento abusivo com o namorado, e entrou em depressão. Eu nem sabia que isso mexia tanto com a cabeça das meninas...



E como mexe, vô! Isso é muuuuito comum! Meninas que sofrem violências podem ter não só depressão, mas também ansiedade e até se riscarem. É tenso demais! O bom é que existem vários lugares criados pra ajudar nesses tipos de casos.

Te ouvir me faz pensar em muitas meninas, Brenda... mas e os meninos, nessa história toda?

Vô, para pra pensar como foi quando você era um menino. Me conta um pouco.

Ixi Brenda, desde muito cedo nós aprendemos que não podemos demonstrar nossos sentimentos e fraquezas ou que não devemos pedir ajuda, porque não são coisas de homem.

Pois é, vô, quando te perguntaram como você estava se sentindo em relação a vida?



Nunca, minha filha!

Mas, a partir de agora, saiba que você pode contar pra mim, conversar comigo. Os homens precisam entender que isso é fruto da violência que os afeta. Esse jeito único de ser homem, faz com que vocês passem sozinhos por situações difíceis, e acabem tendo mais problemas de saúde mental e cuidando menos da saúde. A maioria dos homens acredita que saúde mental não é um problema sério e não conhecem os possíveis tratamentos baseados em terapia e medicamentos.

O que aconteceu com você, acontece ainda hoje com os meninos. Pouca coisa mudou. Ontem mesmo lá na escola, rolou uma parada com o Fabrício. Lembra dele, vô? Ele já foi meu crush, mas isso é passado kkkkkkkk. Então, ele gostava da Patricia, da mesma sala que a nossa, e um dia jogou a real pra ela, se declarando. Só que a Paty não tinha interesse nele e logo disse que não ia rolar, e o Fabricio ficou muito mal e começou a chorar. Os moleques, "amigos dele", logo começaram a zuar, falando que ele era "mulherzinha", como se ser mulher fosse algo ruim, né!



Isso é muito comum de acontecer! Muitos meninos da minha escola e da nossa comunidade ouvem frases como essas e acabam reprimindo os sentimentos.. daí se tornam adultos que reproduzem a ideia de que devem se comportar de uma determinada maneira: sendo agressivos, controladores e muitas vezes abusadores! É isso o que chamamos de **masculinidade tóxica**.

Hipocrisia idolatra violência
Meu corpo, minhas regras
Escute, com sapiência

Nasci gente e não coisa
Posso ser o que eu quiser

Eu sou preta, não sou mulata
Nem morena
E não me venha com esse papo
que eu sou da cor do pecado

O sistema tá falido
Eu clamo
Por + jovens criativos
E - jovens depressivos

Tua lei, é sem perdão
Encarcera nossos corpos
Tira a imaginação

Mas eu já aprendi
Sou potência
Dissidência
E pra qualquer tipo de violência
Eu digo um grande: NÃO!

- Thábata Wbalojá
poema "O sonho de Tati - 17/08/2017"



Agora vou te contar o que aprendi sobre como as pessoas podem ajudar uma vítima de violência!

Me conta, Brendinha... tô muito ansioso pra saber!



Existem alguns passos pra isso:

1

Ouçá sem julgamentos

Primeira coisa que precisamos fazer é acolher e escutar o que ela gostaria de contar... e sem julgamentos! Às vezes ela só precisa ser ouvida com cuidado, atenção e empatia!

2

Reconheça a coragem

Vô, contar pra alguém sobre uma violência sofrida não é nem um pouco fácil! Pode gerar muitos sentimentos... é por isso que é importante que a gente fale sobre o quanto ela foi corajosa em compartilhar o que aconteceu/está acontecendo e, principalmente, agradecer pela confiança que ela teve em você.

3

Crie empatia

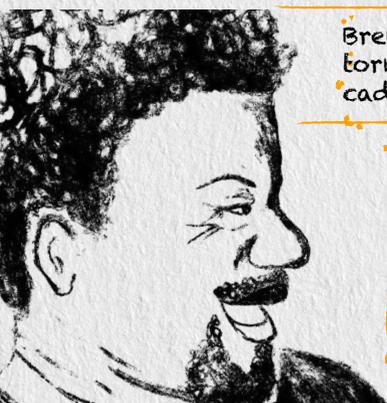
Às vezes, sem querer machucar a pessoa, a gente acaba falando coisas como "mas por que você não me contou antes?" ou "como você continua nessa relação?". Só que, vô, esse tipo de comentário pode afastar a vítima ao invés de fortalecê-la. A gente precisa lembrar que, se ela demorou para buscar ajuda, é porque precisou desse tempo!

4 Esteja disponível

Depois que ela contar o que aconteceu, é hora de a gente se mostrar disponível, saca? Por exemplo, perguntando se ela está segura em casa e se quer ajuda para realizar uma denúncia, ou acompanhá-la até a delegacia ou outro serviço do território... tipo saúde ou assistência social.

5 Foque nas necessidades da vítima

Por último, vô, a gente precisa escutar dela o que ela precisa no momento. Como? Perguntando "como posso te ajudar?". Só isso já é um super acolhimento e faz com que a vítima sinta que pode contar com a gente, né? E nunca, vô, NUNCA devemos ficar pedindo pra ela contar várias vezes o que aconteceu, porque isso só traumatiza mais!



Brenda, você está se tornando uma menina cada vez mais incrível!

E você tá sendo um avô incrível me ouvindo! Mas calma, que ainda tem mais. Sabia que existem vários canais de denúncia e serviços especializados para esses casos de violência de gênero?



CONHEÇA ALGUNS SERVIÇOS GRATUITOS E CANAIS DE DENÚNCIA



Plataforma SABE: É uma ferramenta interativa para crianças e adolescentes a partir dos 12 anos, conectada diretamente ao Disque 100; ou seja, facilita a comunicação e o pedido de ajuda em situações de violações de direitos humanos.



Plataforma Pode Falar: O Pode Falar é um canal criado pelo UNICEF, para ajudar adolescentes e jovens de 13 a 24 anos com demandas de saúde mental. Você consegue acessá-la através do site: www.podefalar.org.br



Topity: O Topity é um chatbot que propõe oito desafios para melhorar a autoestima e a confiança corporal de crianças e adolescentes. Para acessar, jovens acima de 16 anos podem mandar uma mensagem de WhatsApp para +55 95 8420-9991



Disque 100: você pode ligar nesse número - é gratuito e anônimo - para denunciar qualquer caso de violência.



Ligue 180: você pode ligar nesse número - é gratuito e anônimo - para denunciar um caso de violência contra mulher e pedir orientações sobre onde buscar ajuda. É um canal direto de orientação sobre direitos e serviços públicos para as mulheres de todo o Brasil, que funciona 24h por dia, 7 dias por semana.



Ligue 190: esse é o número da Polícia Militar. Caso você ou alguém esteja em perigo, ligue imediatamente para esse número e informe o endereço onde a vítima se encontra

Políticas e espaços de proteção social e acolhimento na Cidade Tiradentes



Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS): o CREAS é um equipamento público onde são oferecidos serviços com o objetivo de acolher, orientar e acompanhar famílias e indivíduos em situação de violação de direitos.

Endereço: Rua Nascer do Sol, 529 – Conj. Hab. Santa Etelvina II
Telefone: (11) 2363-9999



Centro de Defesa e Convivência da Mulher – Casa Anastácia (CDCM): a Casa Anastácia tem o objetivo de acolher as mulheres em situação de violência oferecendo atendimento psicossocial, orientações e encaminhamentos jurídicos necessários à superação da situação de violência, contribuindo para o fortalecimento da mulher e seus familiares, o regaste da cidadania e propiciando o rompimento do ciclo de violência. Caso esteja em situação de violência ou conheça alguém que esteja e deseja acompanhamento especializado, busque o CREAS do território, onde será realizado o encaminhamento para o CDCM.



Serviço de Proteção a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência – Amana (SPVV): tem o objetivo de identificar a violência e os riscos decorrentes dela, para prevenir o agravamento da situação e auxiliar na interrupção do ciclo de violência, possibilitando a superação da situação de violação de direitos, o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários e da autonomia da vítima. Caso conheça alguma criança ou adolescente em situação de violência que necessite de acompanhamento especializado, busque o CREAS do território, onde será realizado o encaminhamento para o SPVV.



Centro de Referência de Promoção da Igualdade Racial (CRPIR): Com atendimento realizado por uma equipe multiprofissional (advogados/as, psicólogos/as e assistentes sociais), oferece acolhimento, atendimento e acompanhamento gratuitos para as pessoas vítimas de discriminação étnico-racial.

Endereço: Av. dos Metalúrgicos, 155. Telefone: (11) 2558-8896

Mulheres buscam autonomia!



Grandes aliados das violências contra meninas e mulheres, a vulnerabilidade social e o racismo contribuem fortemente para a manutenção dessas situações na quebrada. Por isso, é muito importante que meninas e mulheres busquem espaços de promoção da sua autonomia.

Então, se liga nessas dicas aqui com oportunidades de formação e geração de renda:

Cooperativa de Artistas – liderada por mulheres da CT, a Cooperativa desenvolve diversos projetos artísticos e de formação na, com e para a comunidade. Segue lá no Instagram e fique por dentro de tudo:

@cooperativadeartistas.ct

Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes – o espaço, localizado na Avenida Inácio Monteiro 6.900, oferece diversos cursos, como o de trancista e o de moda, corte e costura, tudo gratuitamente. Tem um montão de coisa por lá, fique por dentro da programação pelo site ou no Instagram **@cfct_**

Fábrica de Cultura da Cidade Tiradentes – oferece cursos gratuitos de formação cultural, além de uma programação e da biblioteca. Você pode acompanhar e se informar pelo site: **www.fabricadecultura.org.br/cidade-tiradentes**

Meu Trampo é Empreender – iniciativa da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo, através da Coordenação de Políticas para Juventude e o Instituto Besouro de Fomento Social e Pesquisa, que tem como objetivo ofertar cursos de capacitação em empreendedorismo, focados prioritariamente nas juventudes da cidade de São Paulo. Saiba mais em **www.meutrampoempreender.com**

1 Milhão de Oportunidades – A iniciativa 1 Milhão de Oportunidades – 1MiO é uma coalizão liderada pelo UNICEF que busca criar oportunidades para adolescentes e jovens de qualificação profissional e desenvolvimento de competências para o mundo do trabalho. Saiba mais em: **www.1mioportunidades.com/**



Se tem muita pressão
Não desenvolve a semente
É a mesma coisa com a gente
Que é pra ser gentil
Como flor é pra florir
Mas sem água, sol e tempo
Que botão vai se abrir?
É muito triste, muito cedo
É muito covarde
Cortar infâncias pela metade
Pra ser um adulto sem tumulto
Não existe atalho, em resumo

- Emicida e Drik Barbosa,
música "Sementes"



Vô, agora você já tem bem mais conhecimento do que quando eu cheguei!



Sim Brenda, e sabe o que eu descobri? Que posso aprender muito com a minha neta e com muitas outras mulheres. E também que posso ensinar outros homens! O combate a violência é compromisso de todas as pessoas!

Vou fazer meu dever de casa:

O que posso melhorar em mim

O que posso melhorar na minha casa

O que posso melhorar em outros espaços que eu ocupo

Esse recado vai diretamente para você que mora na Cidade Tiradentes!

A violência de gênero é apenas uma de tantas formas de violações de direitos que se manifestam na infância e na adolescência.

Você pode contribuir para uma CT livre de violências compartilhando com a sua rede esse e outros materiais que produzimos através do Projeto Passa a Visão.



Acesse nossos materiais de divulgação sobre racismo, violência psicológica, trabalho infantil e importunação sexual em: www.passaavisao.com



Dá um play no nosso podcast para conhecer 5 histórias de personagens da Cidade Tiradentes que já passaram por essas violências



PASSA A VISÃO

Este material foi produzido pela Serenas, organização sem fins lucrativos que atua na prevenção de violências de gênero, no contexto do Projeto Passa a Visão.

O Projeto Passa a Visão é uma iniciativa do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) – no âmbito da #AgendaCidadeUNICEF – em parceria estratégica com o Ministério Público do Trabalho e parceria de implementação com a Serenas.

O objetivo do Projeto Passa a Visão é atuar na prevenção das múltiplas formas de violências que prejudicam a vida de crianças e adolescentes – especialmente o racismo, a violência de gênero e o trabalho infantil – no território de Cidade Tiradentes, localizado na Zona Leste da cidade de São Paulo.

Saiba mais sobre o projeto em: www.passaavisao.com

Redação | Equipe Serenas

Bruna dos Santos Latrofe
Especialista em Proteção e Prevenção

Isabella Cruvinel Santiago
Diretora Institucional

Thábata Wbalojá
Consultora em Mobilização Social

Projeto gráfico | Diagramação | Ilustração

Laís Oliveira

Revisão | UNICEF Brasil

Mayara Barbosa
Oficial de Comunicação

Raquel Barbiellini
Consultora de Proteção contra as Violências

Iniciativa



Parceria estratégica



Parceria de implementação



Esse projeto faz parte da

